

'Instinto', uma metáfora política em palcos cariocas

PÁGINA 5



Realizador Pedro Pinho é destaque em Cannes

PÁGINA 7



Marcelo Rubens Paiva participa de Clube de Leitura

PÁGINA 8

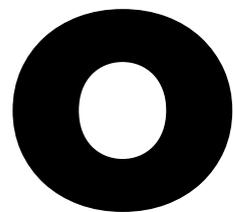


## 2º CADEIÑO

Uma orquestra de câmara *com aquele tempero brasileiro*

No ano em que completa 30 anos de carreira, o maestro Felipe Prazeres prepara-se para levar o projeto 'Sambach', da Johann Sebastian Rio, para uma turnê internacional

Por **Affonso Nunes**



O maestro carioca Felipe Prazeres comemora 30 anos de carreira em 2025 em meio a uma intensa agenda profissional. Além de atuar como maestro titular da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e maestro associado da Petrobras Sinfônica, ele embarca em maio para uma nova turnê europeia com a Johann Sebastian Rio, orquestra de câmara que dirige desde sua fundação, em 2015.

maestro carioca Felipe Prazeres comemora 30 anos de carreira em 2025 em meio a uma intensa agenda profissional. Além de atuar como maestro titular da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e maestro associado da Petrobras Sinfônica, ele embarca em maio para uma nova turnê europeia com a Johann Sebastian Rio, orquestra de câmara que dirige desde sua fundação, em 2015.



Andrea Testoni/Divulgação

Criada para aproximar o repertório clássico do público geral, a Johann Sebastian Rio tem se destacado por unir excelência técnica, carisma e brasilidade. Para celebrar seus dez anos de trajetória, o grupo levará o espetáculo "Sambach" a palcos da Alemanha, Suíça e Polônia, em oito concertos com participação do premiado violinista alemão Linus Roth. O programa costura composições de Johann Sebastian Bach com obras de Villa-Lobos, Tom Jobim, Noel Rosa, Ary Barroso, Jacob do Bandolim e Jorge Ben Jor, com arranjos criados por Ivan Zandonade.

"Sambach", também título do disco lançado em 2023, é apresentado como um tributo à liberdade criativa e ao diálogo entre culturas. "É uma mistura rara entre a tradição musical alemã e o suingue da bossa nova e do samba. Eu digo que é a orquestra de câmara com DNA brasileiro", afirma Prazeres.

O repertório do novo giro europeu parte do "Concerto para violino em Mi maior", de Bach, passa pela "Cantilena" das Bachianas nº 5, de Villa-Lobos, e desemboca em clássicos brasileiros como "Garota de Ipanema", "Samba de uma nota só", "Tico-tico no Fubá" e "Aquarela do Brasil". O violino Stradivarius "Dancla" de 1703, nas mãos de Linus Roth, dialoga com o ritmo e a melodia do Brasil, num concerto que resume a vocação da Johann Sebastian Rio: transformar a tradição em algo próximo, vibrante e vivo.

Continua na página seguinte

ENTREVISTA / FELIPE PRAZERES, MAESTRO

# 'A música de concerto precisa acompanhar os novos tempos'

Daniel Ebendiger/Divulgação

**F**ilho do maestro Armando Prazeres, fundador da Orquestra Petrobras Sinfônica, e da cantora Manuela Prazeres, Felipe cresceu rodeado de música. Aos 11 anos, escolheu o violino. Aos 17, já trabalhava profissionalmente. Aos 20, tornou-se spalla da orquestra criada pelo pai. E há 15 anos iniciou seu caminho na regência, que hoje compartilha com o irmão, o também maestro Carlos Prazeres.

Também maestro titular da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal e fundador da Johann Sebastian Rio, que sairá em turnê no exterior, ele destaca, na entrevista abaixo, a diferença entre os três projetos e fala do desafio de levar a música de concerto a novos públicos.

**Você cresceu em uma casa profundamente musical. Como isso moldou sua identidade artística?**

**Felipe Prazeres** - Minha infância e juventude foram marcadas pela música de concerto. Essa memória e os sentimentos que a música proporciona desde cedo fizeram — e fazem — diferença na minha vida até hoje, seja na execução de determinado repertório, seja na minha comunicação com o público, na fruição desse gênero musical que não é amplamente divulgado para a população.

**O que te levou a escolher o violino e, posteriormente, a regência?**

Foram escolhas naturais. Primeiro o violino, porque desde sempre me encantou, pelo vasto repertório e por ser uma voz na orquestra sinfônica que, na maioria das vezes, detém as principais melodias do grande repertório. Na minha trajetória no violino, pude exercer o cargo de spalla, ou seja, o "primeiro violino" de uma orquestra sinfônica, que carrega consigo várias funções — dentre elas, decodificar os gestos do maestro. A

escolha da regência é uma extensão desse mundo sem limites da arte da interpretação do repertório orquestral. Sem contar também que meu pai era maestro e meu irmão mais velho, Carlos Prazeres, é maestro de duas orquestras no Brasil. Então está no sangue mesmo.

**Hoje você atua como maestro titular da OSTM, maestro associado da OPES e regente/diretor artístico da Johann Sebastian Rio. Como conciliar esses três papéis tão distintos? E que diferenças artísticas você percebe entre essas três frentes?**

De fato são três vertentes bem distintas dentro desse universo. O Theatro Municipal me proporciona confrontar o gênero mais completo de todos, que é a ópera, onde não somente questões musicais são relevantes, mas toda a riqueza da dramaturgia atrelada ao título que será feito. Reger ópera é sempre desafiador, pois o maestro é o elo entre a orquestra (que toca no fosso) e a cena que transcorre no palco. É um trabalho que exige muita dedicação e concentração. Na Petrobras Sinfônica, orquestra que me fez ser



O maestro Felipe durante ensaio da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal

músico, o desafio maior é abordar o grande repertório da música de concerto. Ali a orquestra é a protagonista e, ao mesmo tempo, há a abordagem com a grande variedade timbrística que uma sinfônica pode proporcionar. O fato de eu pertencer a esse grupo há 31 anos me faz ter uma relação de muita cumplicidade musical com meus colegas. Já a Johann Sebastian Rio traz um momento diferente na minha vida, pois se trata

de um grupo menor, que aborda um repertório mais camerístico, onde a comunicação entre nós se torna mais estreita. Na Johann eu atuo como violinista na maioria das vezes, então é o lugar em que continuo a exercer o papel de músico, além de diretor artístico.

**Você é um maestro conhecido pelo gosto da inovação e leva isso para seus trabalhos. Mas em qual contexto você sente mais**

**liberdade para experimentar novos repertórios ou formatos?**

Penso que a música de concerto — e a própria orquestra — precisa acompanhar os novos tempos. Inovar nesse terreno é muito interessante, pois me permite essa abordagem mais eclética, misturando repertórios populares e tendo o olhar de que uma orquestra é um grande instrumento musical e, no meu ver, aberto a qualquer repertório, independente do gênero.

Daniel Ebendiger/Divulgação



Felipe Prazeres exerce seu lado músico nas apresentações da Johann Sebastian Rio

**Como foi assumir a regência em uma orquestra fundada por seu pai? Que tipo de responsabilidade emocional isso carrega? E de que forma a memória dele segue presente no trabalho que você desenvolve hoje na OPES?**

É uma responsabilidade grande levar esse legado enorme que meu pai deixou, pois se trata hoje de uma das mais importantes orquestras da América Latina. Posso dizer que construí uma relação de amizade e confiança com esse grupo tão querido que me permite estar à frente hoje nos principais concertos e turnês. A memória de Armando Prazeres sempre esteve presente e sempre estará, pois o objetivo desse projeto, criado há 50 anos, era levar a música de concerto para o grande público — e isso continuamos a fazer. A própria Academia Juvenil da Petrobras Sinfônica, da qual participei da fundação, perpetua esse legado.

**Vamos falar agora da OSTM? Como você enxerga seu papel no cenário cultural carioca e nacional?**

Estar no Theatro Municipal hoje é um grande privilégio, pois se trata do palco mais importante do nosso Estado. Minha contribuição vem muito da comunicação com as diferentes plateias que lá se encontram, de trazer cada vez mais um público novo, curioso para saber mais sobre tudo de maravilhoso que acontece naquele lugar sagrado. Sou eternamente grato

aos meus queridos colegas dessa orquestra que me abriu uma porta tão importante nesse momento da vida.

**Como surgiu a ideia de criar a Johann Sebastian Rio? Como equilibrar um mestre da tradição de Bach com a irreverência carioca? E o maior aprendizado de misturar repertórios tão distintos?**

A Johann, além de ser um grupo com uma excelência artística diferenciada, também é uma reunião de grandes amizades. Fazer música profissionalmente com grandes amigos é o sonho de qualquer músico. Nessa orquestra nós misturamos Bach e samba naturalmente, e isso nos permitiu gravar nosso primeiro álbum. Estamos de malas prontas para a segunda turnê internacional. Na Johann trabalhamos com grandes solistas, em especial o violinista alemão Linus Roth, um dos maiores da atualidade, que toca num violino Stradivarius maravilhoso. Essa troca não tem preço e cada vez nos abre mais portas.

**O que representa para você levar esse projeto à Europa neste momento da sua carreira?**

É um grande marco. Estamos levando um trabalho que nasceu do encontro entre a tradição e a brasilidade, e poder apresentar isso para públicos europeus é uma validação artística muito importante. Representa também o reconhecimento de que a música de concerto feita no Brasil tem voz e identidade.

**Como é trabalhar novamente com o violinista Linus Roth, com quem você já tem uma parceria artística sólida?**

É sempre um enorme prazer. Linus é um artista com uma sensibilidade única e uma sonoridade que inspira todos à sua volta. A nossa parceria se fortalece a cada encontro, e a presença dele agrega muito aos nossos projetos na Johann Sebastian Rio.

**O que você gostaria que o público sentisse ao ouvir “Sambach”?**

O álbum é resultado dessa mistura de universos, dessa ponte de Bach e Villa-Lobos que gerou grandes compositores nacionais. É um álbum para desfrutar em casa, na academia e, claro, numa sala de concerto.

**Como você enxerga o papel da música de concerto no Brasil hoje?**

A música de concerto sempre passará pelo desafio de se comunicar nos novos tempos. Cabe a esses interlocutores desmistificar a orquestra e trazê-la cada vez mais para perto do público. Penso que o segredo está na comunicação e na abordagem com o público.

**Fale de projetos futuros. O que vem por aí?**

Muitos projetos com esses três grupos estão por vir, e eu não me canso de estudar para dar conta disso tudo.

## CORREIO CULTURAL

Eduardo Martins/Brazil News



Preta Gil no saguão de embarque em Guarulhos

### Preta Gil embarca para os EUA em busca de tratamento

Preta Gil embarcou na noite desta segunda-feira (12) para os Estados Unidos onde dará continuidade ao tratamento de câncer. A cantora foi clicada chegando de cadeira de rodas ao Aeroporto Internacional de Guarulhos, em São Paulo. Por lá, Preta recebeu o apoio e carinho de fãs. A viagem faz parte da nova

etapa do tratamento contra o câncer. No mês passado, a cantora revelou durante o Domingão com Huck que viajaria em busca de tratamento. “No Brasil, já fizemos tudo o que podíamos. Agora minha chance de cura está no exterior, e é para lá que eu vou”, contou.

#### ‘Lupin’ de volta

A Netflix confirmou a quarta temporada de “Lupin”. O ator Omar Sy está de volta ao papel do famoso ladrão e as filmagens dos novos episódios já começaram em Paris, França. Além de protagonizar a série, Sy também atua como produtor executivo e roteirista da nova fase.

#### Aposentou

Marília Gabriela anunciou em suas redes sociais que está oficialmente aposentada. A jornalista de 76 anos compartilhou uma foto vestindo uma camiseta com os dizeres “Aposentada: eu faço o que eu quero, quando eu quero”.

#### ‘Lupin’ de volta II

No comunicado oficial, o ator adiantou que a nova temporada terá surpresas: “Costumo dizer que ‘Lupin’ é um brinquedo extraordinário”, declarou Sy, referindo-se à produção inspirada na obra de Maurice Leblanc em 1905, sobre Arsène Lupin, um ladrão de casaca.

#### Aposentou II

Em mais de 50 anos de carreira, Marília Gabriela se destacou com seu próprio programa de entrevistas, De Frente com Gabi (SBT). Antes disso, ela ainda trabalhou como apresentadora do Jornal Hoje, Fantástico e Jornal Bandeirantes.

# O caldeirão sonoro de Bebê Kramer

Com repertório autoral e influências do sul do Brasil, do choro e da música latino-americana, o acordeonista se apresenta ao lado de quarteto no Blue Note Rio

Por **Affonso Nunes**

O acordeonista Bebê Kramer sobe ao palco do Blue Note Rio nesta quarta-feira, às 20h, para apresentar o espetáculo instrumental que une elementos do sul do Brasil, o choro e a música latino-americana. Ao lado de um quarteto formado por músicos de prestígio — Marco Lobo (percussão), Luis Barcelos (bandolim), Guto Wirtti (baixo acústico) e Pedro Franco (violão) —, Kramer exhibe a versatilidade de uma formação que transita com fluidez entre tradições regionais e experimentações modernas.

Thais Bernardi/Divulgação



*Além do domínio do instrumento, Bebê Kramer se destaca como compositor e arranjador*

A apresentação marca a estreia carioca do projeto, concebido a partir de encontros musicais anteriores entre o acordeonista e Guto Wirtti. Aos poucos, a ideia de formar um grupo mais coeso e com identidade própria foi se desenhando, até que se chegou à configuração atual. O repertório contempla composições autorais, temas de outros instrumentistas brasileiros e releituras que ganham novas cores na formação escolhida.

Natural de Igrejinha, no interior do Rio Grande do Sul, Bebê Kramer é considerado um dos mais virtuosos e completos acordeonistas de sua geração. Sua trajetória começou na infância, influenciada pelo ambiente musical de sua família e pela forte tradição do acordeon no Sul do Brasil. Ainda jovem, chamou atenção pela capacidade de combinar técnica refinada com uma expressividade marcante, o que o levou a dividir o palco com nomes como Yamandu Costa, Dominginhos, Hamilton de Holanda, Elba Ramalho e Mônica Salmaso.

Além do domínio do instrumento, Kramer se destaca como compositor e arranjador, com passagens por importantes projetos da música brasileira contemporânea. Sua obra se desdobra em trilhas para espetáculos, colaborações com orquestras e uma série de gravações que evidenciam sua inquietude artística. Ao mesmo tempo em que preserva a linguagem tradicional do acordeon, ele expande seus limites, flertando com o jazz, a música erudita e os ritmos latino-americanos.

## SERVIÇO

**BEBÊ KRAMER E QUARTETO**

Blue Note Rio (Av. Borges de Medeiros, 1424, Lagoa) 14/5, às 20h | Ingressos a partir de R\$ 60

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### Desejo e confiança

Depois de participar da final reality Estrela da Casa (TV Globo), Unna X dá um passo decisivo em sua trajetória na música pop com o lançamento de seu novo single “Euforia” nesta sexta-feira (16). A faixa, seu primeiro lançamento autoral em português, é um mergulho em sensações de liberdade, desejo e confiança, com produção assinada por Dan Valbusa e Pedro Dash. “Quando criei ‘Euforia’ com os outros compositores, eu queria abordar sensações que eu sinto quando saio para curtir em alguma festa”, conta.

Divulgação TV Globo



Sarah Aguiar/Divulgação



### Referência caipira

A cantora e compositora Marcela Brandão lança seu novo single, “Quando Eu Era Bem Pequena”, nesta sexta (16). Composta por André Moreno, do duo Festim, a canção traz uma narrativa íntima e sensível sobre a infância, embalada por uma melodia de viola caipira. A faixa integra o álbum “Pedra Gigante”, com lançamento previsto para junho, e tem produção musical de Luã Yvys. A música reflete a infância de Marcela, que cresceu entre a capital e o interior de São Paulo, e traz um imaginário marcado pela natureza e pelas festas de interior.

Rodrigo Psy/Divulgação



### Mudança e liberdade

A banda paulista Nuna lança nesta sexta-feira (16) o single “Velha Jaqueta”. A produção da faixa é assinada por Tadeu Patolla, conhecido por seu trabalho com Charlie Brown Jr. A música, carregada de peso e atitude, traz uma mensagem direta sobre mudança e liberdade, refletindo sobre relações e a necessidade de ruptura com o que não soma. Com influências de Pitty, CPM 22 e CBJR, “Velha Jaqueta” explora transformações pessoais e busca por significados na trajetória do grupo que define a canção como um marco em sua carreira.

Instinto explora os limites da humanidade e da liderança em montagem premiada

**O** Coletivo Gompa, de Porto Alegre, apresenta o espetáculo “Instinto”, uma metáfora crítica ao cenário político contemporâneo, marcado por extremismos. Vencedora do prêmio norueguês Ibsen Scope, a montagem é inspirada em “Brand”, obra do dramaturgo Henrik Ibsen, e encerra sua temporada carioca neste domingo (18) no Mezanino do SESC Copacabana.

Na adaptação dirigida por Camila Bauer e escrita por Giuliano Zanchi, os intérpretes Alexander Vidaleti, Fabiane Severo, Liane Venturella e Nelson Diniz encarnam macacos enjaulados, com máscaras de látex que cobrem toda a cabeça. O artifício acentua a tensão entre civilização e instinto, tema central da encenação.

Misturando teatro, dança, música e artes visuais, “Instinto” questiona com humor e sarcasmo os limites da humanidade e o papel do líder diante de uma sociedade passiva. A peça sugere que, ao contrário dos animais — que escolhem seus líderes com base na sobrevivência do grupo —, os humanos agem por interesse próprio, mesmo à custa da destruição do outro. “A gente perdeu parte do instinto e nos tornamos profundamente racionais e egoístas”, afirma Camila Bauer.



Fabiane Severo em cena de ‘Instinto’, montagem do Coletivo Gompa (RS)

A trilha sonora é executada ao vivo por Álvaro RosaCosta e Paola Kirst. A equipe de criação conta ainda com Élcio Rossini (cenografia), Ricard Vivian (iluminação e videografia), Daniel Lion (figurinos) e Carlota

Albuquerque (provocação coreográfica).

“Instinto” provoca uma reflexão direta: será que nossa racionalidade nos torna realmente superiores aos animais?

#### SERVIÇO

**INSTINTO** | Sesc Copacabana – Mezanino (Rua Domingos Ferreira, 160) | Até 18/5, de quinta a domingo (20h30) | Ingressos entre R\$ 10 e R\$ 30

## O inconsciente em cena

Montagem de ‘Freud e o Homem dos Ratos’ aborda o caso real de um paciente do pai da psicanálise

Baseado num caso real e clássico da história da psicanálise, “Freud e o Homem dos Ratos” retorna ao Teatro Vannucci em curta temporada. O espetáculo, dirigido, escrito e interpretado por Antonio Quinet, da Cia. Inconsciente em Cena, traz a história de Ernst Lanzer (personagem do ator Igor O. Coelho), um paciente que, em 1907, buscou ajuda de Sigmund Freud (1856-1939) - interpretado por Quinet - para tratar seus pensamentos obsessivos.

O enredo acompanha as sessões de

análise entre Freud e Lanzer, um jovem atormentado por angústias envolvendo sua família e seu futuro, incluindo um dilema amoroso e uma relação difícil com o pai. O espetáculo mergulha na psique do paciente, explorando o mundo dos sonhos e das memórias, enquanto Freud tenta decifrar os sintomas que o afligem.

“É a primeira vez que esse caso é transformado em espetáculo teatral. A peça leva o público para dentro da mente de Lanzer, revelando os mistérios do incons-



Léo Silva/Divulgação

Igor O. Coelho (Ernst Lanzer) e Antonio Quinet (Freud) dividem a cena

ciente e as imagens oníricas que surgem durante a análise”, explica Quinet, professor universitário, ator, dramaturgo e encenador. A montagem faz parte da pesquisa “Teatro e Psicanálise”, desenvolvida por Quinet em seu mestrado e doutorado.

#### SERVIÇO

**FREUD E O HOMEM DOS RATOS** Teatro Vannucci (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Gávea) Até 10/6, às terças-feiras (20h30) Ingressos a partir de R\$ 40

Prestes a voltar a Cannes com filme sobre o escritor George Orwell, o haitiano Raoul Peck, diretor de 'Eu Não Sou Negro', recupera a obra fotográfica de Ernest Cole, testemunha do Apartheid na África do Sul



Divulgação

O documentário 'Ernest Cole, Lost and Found' rendeu a láurea L'Oeil d'Or a seu realizador, o haitiano Raoul Peck

# Uma espiadinha na exclusão



Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**A**gendado pelo Festival de Cannes para sábado, na seção Première "Orwell: 2+2=5" é uma porta aberta para um enigma da prosa mundial ao devassar o legado político do autor de "1984" e "A Revolução dos Bichos". A Croisette vai "reler" a obra do inglês nascido na Índia (de colonização inglesa) George Orwell (1903-1950) à luz do haitiano Raoul Peck, um documentarista que fez da segregação seu norte. É forte a chance de ele sair de lá premiado, no pódio de bicampeão do troféu L'Oeil d'Or, Palma do evento dada a narrativas de não ficção. Ele ganhou a láurea em 2024 com "Ernest Cole, Achados e Perdidos". Sua estreia por aqui será no dia 29 deste mês.

Em outubro, enquanto dava retoques finais na edição de "Orwell:

2+2=5", Peck engatou o Brasil numa discussão antirracista que se fez por meio de instantâneos fotográficos. A Mostra de São Paulo fez o país conhecer o mais recente trabalho do cineasta indicado ao Oscar por "Eu Não Sou Negro", em 2017. Lá, ele rastreou intolerância pela via da criação literária (tal qual faz no longa sobre Orwell), mas na fita que o Brasil verá em duas semanas, ele partiu de uma outra arte: a fotografia.

Discretos, mas implacáveis no registro do racismo, os cliques feitos pelo sul-africano Ernest Levi Tsoloane Cole (1940-1990) hoje são encarados como um documento vivo das feridas geopolíticas deixadas pelo Apartheid. Sua vida foi maculada pelo desrespeito e terminou nas raias da pobreza, num processo de invisibilidade que hoje cega ao fim graças ao cinema. Cannes ajudou a consagrar seu nome com o trabalho de Peck. Agora é a vez das plateias paulistanas desco-



Nikita Thevoz/Visions du Reel

brirem sua arte.

"Eu conhecia algumas das fotos de Cole do tempo em que militei no comitê contra Apartheid, quando vivi em Berlim, mas os detentores dos direitos de sua obra me procuraram pedindo ajuda para a preservação dos retratos. Quando me debrucei sobre as fotos, fui entendendo que a história a ser contada estava nos bastidores dela, como se fosse a câmera escura de revelação, onde se escolhe o que destacar

num retrato", disse Peck ao Correio da Manhã em Cannes. "Cole não queria ser cronista da pobreza, mas sim um retratista da condição humana". Cole deixou como chave para a decifração de sua obra um livro: "House of Bondage". Deixou ainda um legado de 60 mil negativos dele num cofre na Suécia, onde viveu depois de ter clicado evidências da violência racial em seu país, em tempos anteriores à libertação de Nelson Mandela. Esses cliques

valeram a Cole uma relação azeda com as autoridades de sua nação, mas garantiram a ele espaço em revistas e jornais da Europa e dos EUA.

"Não quis investir num clima de thriller e ir atrás desse achado, de modo a valorizar esse arquivo secreto. O mais importante era dar voz a Ernest, entender o que se passou na cabeça dele ao sair da África do Sul e ir para Nova York. Eu sei o que é ser exilado e, portanto, posso imaginar o que ele sentia", disse Peck, que convocou o ator LaKeith Stanfield para ser a voz de Cole no filme. "Era um dispositivo pra parecer que Ernest está narrando sua própria trajetória, como se estivesse vivo entre nós".

Cannes segue até o dia 24, quando o júri presidido pela atriz Juliette Binoche vai anunciar o ganhador da Palma de Ouro. O Brasil vai à caça dela com "O Agente Secreto", do pernambucano Kleber Mendonça Filho. O astro de "Narcos" encarna Marcelo, um especialista em tecnologia que foge de um passado misterioso e volta ao Recife em busca de paz. Ele logo percebe que a cidade está longe de ser o refúgio que procura. Ao lado de Wagner estão Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Thomás Aquino, Alice Carvalho, Edilson Filho e o alemão Udo Kier. O filme é uma coprodução Brasil (CinemaScópio Produções), França (MK Productions), Holanda (Lemming) e Alemanha (One Two Films) e terá distribuição no Brasil da Vitrine Filmes.

Pátria homenageada do Marché du Film (a ala de negócios de Cannes) este ano, o Brasil terá vez ainda na seção Classics do festival com "Para Vigo Me Voy!", um documentário sobre Cacá Diegues (1940-2025) dirigido por Karen Harley e Lírio Ferreira. Disputa ainda o prêmio das curtas da Semana da Crítica com "Samba Infinito", de Leonardo Martinelli. Na Un Certain Regard, há uma coprodução da brasileira Tatiana Leite com Portugal, "O Riso e a Faca", de Pedro Pinho. Há ainda a presença do cineasta Marcelo Caetano no júri da Queer Palm de 2025.



Laureado com o Prêmio da Crítica em Cannes, 'A Fábrica de Nada' leva o cinema português ao streaming ao mesmo tempo que seu olhar crítico desbrava a Un Certain Regard de Cannes



'O Riso e a Faca' leva o cineasta lisboeta Pedro Pinho à disputa do Prix Un Certain regard em Cannes

# Estética de porcas e parafusos

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**E**squadras portuguesas singraram gloriosas os mares da Côte D'Azur, em 2024, e asseguraram à "terrinha" a laurea de Melhor Direção do último Festival de Cannes para o experimento em PB "Grand Tour", de Miguel Gomes, hoje na grade na MUBI, o que ampliou a fome dos patrícios pelos prêmios da Croisette. Este ano, o audiovisual luso volta a cobiçar os mimos do balneário francês, disputando o Prix Un Certain Regard de 2025 com "O Riso e a Faca", dirigido pelo lisboeta Pedro Pinho e coproduzido pela Bubbles Project, de Tatiana Leite, do Brasil, a mesma de "Puan" (2023) e "Regra 34" (2022).

A sessão no evento acontece neste sábado. A expressão que batiza o longa-metragem evoca uma canção composta e interpretada



Divulgação

**O premiado longa 'A Fábrica de Nada', agora no streaming, narra com picardia e elementos documentais o sucateamento do universo do trabalho em Portugal**

pelo baiano Tom Zé. Em solo cannoise, Pinho é sortudo. Saiu de lá coroadado com o Prêmio da Crítica, dado pela Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci) por "A Fábrica de Nada", em projeção no streaming Reserva Imovision. Seu regresso ao certame da maratona cinéfila de maior prestígio do mundo impulsiona o interesse por seu êxito passado.

Ao mesmo tempo, há forte

interesse por "O Riso e a Faca". A trama acompanha o engenheiro ambiental Sérgio, português que viaja para uma metrópole na África Ocidental onde vai trabalhar num projeto rodoviário entre o deserto e a selva. Lá, ele desenvolve um relacionamento íntimo com dois moradores da cidade, Diára e Gui. No trio de protagonistas, está o brasileiro Jonathan Guilherme, ex-atleta de vôlei que trocou

as quadras pela arte e hoje é poeta em Barcelona, na Espanha, onde mora. Ele dá vida ao personagem Gui e contracenava com a cabo-verdiana Cleo Diára, de "Diamantino" (2018), e o português Sérgio Coragem, conhecido por seus papéis em "Verão Danado" (2017) e "Fogo-Fátuo" (2022).

Ativista da causa da perplexidade ética, Pinho construiu "A Fábrica de Nada" ciente de nossa orfandade em relação à falência dos (meta)discursos políticos que outrora explicavam e confortavam o mundo, como o marxismo, o anarquismo, e até o socialismo cristão. Fez um filme para expor o quanto somos órfãos, mas numa abordagem um tanto analgésica, que nos alumbrava. O diretor costura números musicais com trechos documentais e situações cômicas quase caricatas com dramas realistas. Essa mistura é das mais radicais – e, ao mesmo tempo, das mais harmônicas – que o cinema contempo-

râneo já viu, sobretudo em língua portuguesa. Tudo neste filmaço lusitano é registrado numa fotografia esmaecida, na qual a câmera de Vasco Viana rejeita excessos de cor e luz. Tudo está esgotado, como o mundo. Existe um mote: a demolição da lógica fabril herdada dos 1800 e, até hoje, vigente, como um zumbi da História. Existe uma trama: um grupo de operários se encrespa com a administração de uma indústria de elevadores, ao flagrar a gerência está roubando máquinas e matérias-primas, e fazem um levante que tem um ônus - todos serão obrigados a permanecer em seus postos, no ócio, até as negociações para demissão coletiva saírem. José Smith Vargas encarna o mais combativo desses trabalhadores. Entre eles, existe uma vivência de dor.

Explicitado esse enredo, as tensões geram invenções, desde coreografias dos trabalhadores até digressões de teóricos. E, a um dado momento, brota uma frase romântica – "O filho da p... do amor, se for mesmo amor, é incondicional" – provando estarmos diante de um olhar terno sobre pessoas, e não de uma tese sociológica. E a montagem primorosa galvaniza a poética de alarmismo de Pinho.

No domingo, Cannes confere "O Agente Secreto", de Kleber Mendonça Filho, na competição oficial. Nesta quarta, a pedida do dia é a projeção do novo "Missão: Impossível", com Tom Cruise em seqüências de perigo vertiginosas.

# Linguagens de percepção histórica



Marcelo Rubens Paiva e Juliana Dal Piva discutem a relação entre literatura e memória histórica no Clube de Leitura CCBB

Por Affonso Nunes

O Clube de Leitura CCBB 2025, em sua edição de maio, propõe uma reflexão profunda sobre literatura e testemunho histórico com a presença do escritor e dramaturgo Marcelo Rubens Paiva, autor do aclamado “Ainda Estou Aqui”, e da jornalista e escritora Juliana Dal Piva, autora de “Crime sem Castigo: como os militares mataram Rubens Paiva”. O encontro será realizado nesta quarta-feira, às 17h30, no Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (CCBB RJ).

Marcelo Rubens Paiva, com “Ainda Estou Aqui”, lançado em 2015, conquistou prêmios de renome como o Jabuti e o Shell,



Fiorenzo De Luca/Divulgação



Custódio Coimbra/Divulgação

**Autor de ‘Ainda Estou Aqui’, Marcelo Rubens Paiva debate com a jornalista e escritora Juliana Dal Piva aspectos que envolvem a morte de seu pai, o ex-deputado Rubens Paiva**

além de ter sido adaptado para o cinema pelo diretor Walter Salles em filme agraciado com o Oscar de Melhor Filme Internacional. A obra tem sido amplamente reconhecida por sua abordagem íntima e testemunhal, retratando a trajetória de seu pai, o deputado Rubens Paiva, que desapareceu durante a ditadura militar.

Suzana Vargas, curadora e mediadora do Clube de Leitura, classifica a obra de Paiva como uma das mais representativas da história recente do Brasil, pois “nunca

esteve tão bem retratada a nossa história recente como nessa crônica intimista e testemunhal.”

Em paralelo, Juliana Dal Piva traz, com “Crime sem Castigo”, uma abordagem rigorosamente documental sobre o assassinato de Rubens Paiva. A obra, que mistura investigação e narrativa, faz um retrato detalhado do “crime sem castigo” cometido contra o parlamentar, fazendo uma crítica contundente à impunidade dos crimes cometidos durante a ditadura. Suzana Vargas destaca que

essa obra também possui um grande poder de sensibilizar o público ao mostrar a violência de forma clara e humana.

Para Suzana, o cruzamento entre diferentes gêneros literários, como memórias e textos documentais, permite que o público compreenda o impacto de eventos históricos sob diversas perspectivas, tanto subjetivas quanto objetivas. “Essas obras buscam, na verdade, aguçar nossa percepção um tanto embaçada sobre o que realmente significa viver em um país democrático, com liberdade de expressão e justiça”, observa a curadora. Ela ainda comenta que, ao longo de 2025, o Clube de Leitura se propõe a refletir sobre as várias formas de expressão literária e sua conexão com outras manifestações artísticas, como o cinema, a música e o teatro.

Dal Piva também reflete sobre o poder da literatura para estabelecer empatia e compreensão em relação a acontecimentos trágicos,

muitas vezes distantes da realidade cotidiana. Ela afirma que é impossível não se colocar no lugar da família Paiva ao imaginar a dor de perder um familiar no contexto de uma ditadura violenta. “O livro e o filme de Marcelo trazem esse sentimento, essa empatia, tornando a brutalidade da ditadura mais compreensível. O meu trabalho é investigar esse caso e contribuir para a busca por justiça”, explica a autora, que se diz honrada por participar do evento ao lado de Marcelo.

O Clube de Leitura CCBB, em quatro anos de história, tem se consolidado como um evento internacional de leitura, que não apenas promove o debate literário, mas também a compreensão de temas sociais e políticos de maneira acessível e envolvente. Suzana Vargas antecipa que a edição de 2025 irá explorar as conexões da literatura com outras formas de arte, como o teatro, o cinema e a música, ampliando o horizonte dos leitores e propondo uma leitura mais integrada e plural.

O evento terá participação online de Marcelo Rubens Paiva, que compartilhará suas reflexões com os mediadores Suzana Vargas e Ramón Nunes Mello, além de Juliana Dal Piva. O debate será transmitido ao vivo, permitindo que o público de diversas localidades participe da discussão sobre a literatura e a memória histórica do Brasil.

## SERVIÇO

CLUBE DE LEITURA CCBB - EDIÇÃO MAIO 2025

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro - CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro) 14/5, às 17h30

Ingressos gratuitos (disponíveis para retirada a partir das 9h no dia do evento)